

Discurso, Ensino e Tecnologias da Linguagem: Dicionários Online no Ensino de Língua Portuguesa

Ronaldo Adriano de Freitas¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil

Resumo: No presente artigo, discorremos sobre o funcionamento dos dicionários online enquanto materialização das tecnologias digitais de informação e comunicação no processo de instrumentação linguística e defendemos seu uso em atividades de ensino, considerando que a observação dessas ferramentas linguísticas pode produzir conhecimentos acerca do funcionamento da linguagem. Para tal, destacamos o modo de funcionamento do buscador Google, que oferece entre suas funcionalidades a produção de recortes automatizados de fragmentos textuais que assumem a função de dicionarização de unidades lexicais. Pela análise desse funcionamento para a palavra-chave “uberização”, demonstramos a necessidade de que esses processos de dicionarização sejam contemplados nas práticas pedagógicas como forma de compreensão dos processos de produção de sentidos e de regularização das práticas linguísticas.

Palavras-chave: Dicionários Online; Ensino de língua portuguesa; Discurso.

Title: Discourse, Teaching and Language Technologies: Online Dictionaries in Portuguese Language Teaching

Abstract: In this article, we discuss the functioning of online dictionaries as materialization of digital information and communication technologies in the process of linguistic instrumentation and we defend their usage in teaching activities, considering that the observation of the operation modes of these linguistic tools can produce knowledge about how language works. For such, we highlight the operation of the Google search engine, which offers among its features the production of automated clippings of textual fragments that take on the function of lexical units dictionary. By analyzing this functioning for the keyword “uberization”, we demonstrate the need for these dictionaryization processes to be included in pedagogical practices as a way of understanding the processes of producing meanings and regularizing linguistic practices.

Keywords: Online dictionaries; Portuguese language teaching; Discourse.

¹ Doutor em Estudos de Linguagem pela UFF. É Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), onde, como docente da graduação em Letras e do Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias (MPET), realiza pesquisas (pela interlocução entre a História das Ideias Linguísticas e a Análise do Discurso) sobre a produção de dicionários online. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6081-5146>. E-mail: ronaldo.freitas@iff.edu.br.

Ensino, tecnologia e discurso: proposições e aberturas

No trabalho em tela, propomos a utilização de dicionários online no ensino de língua portuguesa, entrelaçando a utilização de recursos informacionais à prática docente, pela interlocução teórica da Análise do Discurso (Pêcheux/Orlandi) com a História das Ideias Linguísticas (Auroux/Orlandi).

O discurso sobre a necessidade de inserção dos recursos tecnológicos nas atividades pedagógicas ocupa um importante espaço no cenário educacional brasileiro. Programas de ensino de variados níveis se voltam para a compreensão do potencial dos recursos digitais de informação e comunicação, e para a ressignificação dos processos educacionais pela incorporação dessas tecnologias, reclamando práticas capazes de atenuar ou suprir as conhecidas deficiências de nosso sistema educacional. Se os mais de 40 anos de tentativas de implantação desses recursos na educação brasileira foram capazes de deslizar sua nomeação pela suplantação do “novo”: (Novas) Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs = TICs), isso não foi suficiente para garantir as práticas inovadoras projetadas: “persistem antigos problemas: deficiência na formação docente e na infraestrutura dos laboratórios, insegurança quanto às práticas docentes, mesmo após 40 anos da inserção” (CARDOSO; FIGUEIRA-SAMPAIO, 2019, n.p.)

Para além das condições físicas de acesso aos recursos informacionais, (que já representam um sério desafio a realização de qualquer atividade envolvendo tecnologia) e aos constantes apontamentos do distanciamento dos docentes com o aparato tecnológico, o problema da informatização das práticas escolares passa por uma questão epistemológica complexa, em cujas respostas se entrelinham as próprias concepções e objetivos de ensino, de escola, de aprendizagem, e as implicações das tecnologias nas práticas sociais: se trata de compreender como as tecnologias digitais podem de fato produzir condições para a produção do conhecimento, desafio que está longe de uma resposta satisfatória.

Especificamente no caso do ensino de língua portuguesa, em que as diversidades de abordagem e de objetivos apresentam-se como desafiadoras para o uso das ferramentas digitais no ensino, a proposição de abordagens que possibilitem que a dimensão linguageira presente nessas tecnologias não seja desprezada se torna urgente e necessária. Dos Santos e Di Renzo alertam para o componente político presente nessa dimensão tecnológica da linguagem:

O estudo sobre as políticas de língua e as tecnologias no espaço escolar, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, envolve processos de linguagem que, assim como dito anteriormente, não são neutros, pois são historicamente determinados e neles se inscrevem relações políticas e ideológicas (DOS SANTOS; DI RENZO, 2016, n.p.).

É diante desse desafio, que, no presente artigo, propomos a utilização dos dicionários online como recurso didático pedagógico para a aula de língua de portuguesa. A compreensão do funcionamento dessa tecnologia permite o entendimento de certos aspectos da linguagem no tocante ao seu processo de regularização, de produção de

unidades lexicais, e entrelaçamento entre formas linguísticas e práticas sociais. Para isso, apresentamos uma reflexão teórica sobre dicionários, tecnologia e ensino, e discutimos a dicionarização automatizada pelo Google em seus mecanismos de pesquisa, analisando a produção do verbete “uberização” - unidade lexical não dicionarizada pelos modos tradicionais de produção de dicionários. As discussões apresentadas pretendem sustentar o desenvolvimento de práticas didáticas que utilizem os recursos informacionais e alimentem posicionamentos críticos e reflexivos sobre seus resultados.

Contribuições da análise do discurso lexicográfico digital para o ensino

Na presente seção, apresentamos contribuições da Análise do Discurso (AD) para a compreensão das tecnologias no ensino, e mais especificamente, para as tecnologias da linguagem, tendo em vista o questionamento produzido nessa teoria acerca dos sentidos de “tecnologia” e dos modos como estas são produzidas e consumidas. Pensar a tecnologia como um processo e não um produto acabado altera o modo como estas produzem sentido em nosso cotidiano, uma vez que passamos a compreender desenvolvedores e utilizadores das tecnologias como sujeitos que interpretam e produzem sentidos, identificam-se, resistem, equivocam-se; reproduzindo tais funcionamentos discursivos na produção dos dispositivos tecnológicos.

Os desafios produzidos pelas análises discursivas dos dispositivos tecnológicos são muitos. Em outros trabalhos (FREITAS, 2020), cuidamos das tecnologias de processamento da linguagem em sua relação com a ideologia, campo que se mostra fértil para o lançamento de novas questões e novas práticas de pesquisa que se prestem a compreender os modos de funcionamento das discursividades digitais.

No prefácio da nova tradução de *Análise Automática do Discurso*, Orlandi (2019) aponta a importância da formalização proposta por Pêcheux para o alavancamento de princípios como *condições de produção, efeitos de sentido, formações discursivas, processo discursivo...*; e citando o provérbio chinês trazido por Pêcheux de que “o idiota olha o dedo quando se aponta a lua”, Orlandi desafia: “E por que não? A automatização é o dedo que nos aponta o que poderá vir a ser a análise do discurso. Não necessariamente na direção da automatização” (ORLANDI, 2019, p. 16). É como prática analítica desse processo de automatização que apresentamos a análise do discurso lexicográfico digital (FREITAS, 2020), aí incluindo as práticas de recorte automatizado produzidas pelos buscadores de internet.

A circulação dos dicionários online em ambiente escolar é tomada neste artigo na relação com o que Krieger denomina “lexicografia pedagógica” (KRIEGER, 2012, p. 171) - produção, orientação e análise de dicionários com objetivos educacionais/escolares - pensando em como, os efeitos dessa circulação de saberes se fazem sentir tanto na produção e sistematização do conhecimento, quanto nas próprias práticas cotidianas de escrita. Digitar uma palavra no Google para descobrir seu significado ou forma de uso parece ser, cada vez mais, uma atitude trivial, a ser, pela AD, desnaturalizada pela consideração de sua historicidade.

A generalização dos mecanismos de busca na internet para a realização dos objetivos dos instrumentos linguísticos (AUROUX, 2009) realimenta a produção e a migração desse tipo de conhecimento para o meio digital. Tratando da relação entre a lexicografia pedagógica e a informatização dos modos de produção de dicionários, Liska (2015) enuncia que

apostar na união entre as tecnologias de informação com as práticas pedagógicas é primordial para que o ensino acompanhe os passos que a humanidade segue rumo aos avanços científicos e tecnológicos. Da união entre a importância do uso do dicionário na sala de aula e da utilização de tecnologias e recursos midiáticos no processo de ensinoaprendizagem, temos o dicionário online, livre e gratuito, como potencial instrumento didático (LISKA, 2015, n.p.).

O autor elabora então atividades que utilizem os dicionários online como recursos pedagógicos. A mesma atribuição pode ser identificada na página “dia a dia da educação”, do governo do Paraná, que apresenta uma lista de recursos didáticos e nela uma seção de dicionários online em que os Dicionários Aulete e Priberam são citados entre 22 dicionários de diversas especialidades (bilíngues, de MPB, matemática, cinema, capoeira).

Finalmente, citamos o caso que motivou o tema de tese em questão: o projeto de ensino “Obras de Referência em Smartphones como Ferramenta de Ensino e Aprendizagem”, coordenado pela professora Hélivia Pereira Pinto Bastos, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense (em Campos dos Goytacazes, interior do Rio de Janeiro), o qual propõe o uso de dicionários online nas aulas de língua portuguesa por meio de aplicativos de celular.

O projeto propunha, assim, “avaliar os aplicativos de forma quantitativa e qualitativa, assim como a percepção do usuário (alunos e professores) acerca de sua usabilidade e validade como instrumento de consulta em contexto de aprendizagem informal e escolar”². Chamou-nos a atenção, especialmente, o fato de constar, entre os dicionários a ser utilizados em sala de aula, o Dicionário inFormal, possibilidade que nos pareceu pouco convencional e campo fecundo para investigação.

As três propostas (Liska, Secretaria de Educação do Paraná, e Bastos) organizam-se sob a pressuposição de transparência do que é um dicionário online – (FREITAS, 2020) despertando a necessidade de sua desnaturalização/historicização em nossa pesquisa. A compreensão dos modos de funcionamento dos diferentes modos de produção de dicionários permite estabelecer um princípio orientador para as práticas pedagógicas que envolvem o uso de dicionários online. Para Oliveira (2014), ao analisar a abertura de sentidos possibilitada pelo “Dicionário inFormal”:

Com esta nova possibilidade, abre-se espaço para uma escrita criativa e reflexiva, uma escrita autoral, que desloca sentidos sobre a língua, e sobre a leitura e a escrita do dicionário. Uma escrita que permite ao sujeito se dizer enquanto falante e enquanto cidadão de uma sociedade democrática. Um modo de escrita que, ainda hoje, a escola muitas vezes resiste a propor, ficando no domínio da

² Descrição do projeto no currículo Lattes da pesquisadora. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3906724233805336>. Acesso em: 12 ago. 2019.

produtividade, em oposição ao da *criatividade*. Talvez o exercício lexicográfico que contemple a liberdade que o Dicionário inFormal propõe seja, afinal, uma prática de escrita possível de levar às salas de aula e que recoloca falante como sujeito do seu dizer e da sua língua (OLIVEIRA, 2014, n.p.).

Os efeitos de uma proposta que considere a produção online de dicionários podem reverberar nas práticas de ensino. Ao se considerar; a) o espaço escolar como espaço privilegiado de circulação de instrumentos linguísticos, b) a relação entre o desenvolvimento das ideias linguísticas e os processos de escolarização e c) o desafio de se incorporar produtivamente as tecnologias ao processo de ensino e aprendizagem; estabelecemos, assim, modos para a compreensão de como o linguístico e o tecnológico podem protagonizar processos de ensino.

A posição que assumimos em nossa pesquisa requer que a relação entre ideias pedagógicas e ideias linguísticas seja vista a partir da historicidade entre esses dois campos do saber: da institucionalização do aparelho escolar resulta grande parte dos processos de instrumentação linguística, envolvendo, desde a vinculação nem sempre efetivada entre pesquisa e ensino, aos processos de manualização dos instrumentos linguísticos. Tendo em vista essa consideração, pretendemos que os resultados de nossas pesquisas possam ter repercussão no fazer pedagógico, e destacamos aspectos dessa relação. O papel dos instrumentos linguísticos na aquisição dos domínios requisitados pela formação discursiva da escolarização é enfatizado por Nunes:

se os instrumentos linguísticos, construídos com base na escrita, de fato não se confundem com a “língua”, eles não deixam de funcionar na sociedade, produzindo um discurso e um imaginário linguístico. Da perspectiva da HIL, os instrumentos linguísticos são vistos como um saber que funciona na aquisição dos domínios da escrita, da língua e da enunciação (NUNES, 2008, p. 52).

É ainda em Nunes que encontramos uma reflexão sobre a instrumentalização da língua, sua interface com o discurso e suas implicações para o ensino. A possibilidade de mudança no lugar ocupado pelo dicionário no saber escolar, de forma a, antes, se compreender seu funcionamento do que ver nele um esgotamento das possibilidades da língua é apontada pelo autor como uma mudança viabilizada pelo estudo discursivo dos dicionários:

Do ponto de vista do leitor cotidiano, os dicionários são considerados bons ou ruins de acordo com as necessidades imediatas de consulta, e conforme se encontrem ou não as palavras buscadas, mas poucas vezes suas definições são questionadas. A escola também não se preocupava, até muito recentemente, com a leitura dos dicionários em sala de aula; eles eram apenas consultados em caso de dúvidas ou para se saber os sentidos supostamente “corretos” das palavras. Assim, não se ensinava o dicionário, pelo contrário, era o dicionário que “ensinava” como uma autoridade pouco questionada.

No entanto, nas duas últimas décadas, produziu-se no interior da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas, para me limitar a minha área de atuação, um conhecimento considerável sobre os dicionários, o que levou a uma mudança no modo de concebê-los, ensiná-los e produzi-los (NUNES, 2010, p. 7).

Essa mudança de perspectiva, no entanto, ainda não vem se apresentando na maioria dos projetos escolares, sendo raros os projetos que apresentem essa ruptura pela incorporação da reflexão discursiva em projetos que se deem na interface com as novas tecnologias, ou mesmo naqueles centrados no próprio conhecimento linguístico. Destacamos aqui, nesse sentido o trabalho desenvolvido por Petri, “Um outro olhar sobre o dicionário” (PETRI et al., 2010), que apresenta incursões pedagógicas fortemente sustentadas por uma reflexão teórica que articula esses conhecimentos.

Observamos, na prática, que o funcionamento desses instrumentos linguísticos fica muito aquém do que eles podem proporcionar. É com o intuito de retirar do estatuto de subutilização os dicionários, que propomos desconstruir a imagem de “lugar de interdito da dúvida”, ao qual o dicionário é vinculado, já que não se pode tomá-lo apenas como objeto de consulta da ortografia, pois isso seria reproduzir uma estrutura sem refletir sobre a língua ali veiculada. Da mesma forma, entendemos que a busca de sinônimos e definições para as palavras “desconhecidas” também é uma prática que não trabalha com a produção de sentidos, pois tenta estabelecer uma relação direta entre as palavras e as coisas, o que, na vida de um sujeito falante da língua, de fato, não ocorre.

Se tomarmos, então, o dicionário como uma materialidade discursiva, na qual é possível observar diferentes formas de nomear e de definir as coisas do nosso mundo, prevendo múltiplas possibilidades de funcionamento deste ou daquele sentido, poderemos explicitar aos olhos de nossos alunos quais e quantas são as possibilidades de uso de regras que estabelecem o lugar imaginário do certo e do errado (PETRI et al., 2010, p. 19).

Ao deslocarem esse lugar de certo e errado pela produção de conhecimentos sobre o funcionamento do dicionário, articulando nisso possibilidades de deriva, metáforas e incompletudes, as autoras (dos/nos diversos capítulos) ampliam as possibilidades de uso do dicionário em ambiente escolar, ao submetê-lo ao estatuto da interpretação e da compreensão, suprimindo a busca de respostas universais por redes de relações de sentidos. Reconhecemos, assim, no trabalho de Petri et al a subsunção dos instrumentos pedagógicos da disciplina língua portuguesa ao funcionamento dos instrumentos linguísticos, e tomamos como modelar a proposta de ação e reflexão empreendida pelas autoras para a proposta que aqui desenvolvemos para o estudo dos dicionários online.

À semelhança do que desenvolveram as autoras, consideramos que o estudo dos dicionários online deve proporcionar a compreensão da materialidade que os constitui, instituindo para eles o lugar de um objeto o que representa um conhecimento sobre a língua. Objeto que não se pode desprezar, nem canonizar, mas dele aprender o funcionamento da linguagem: sua incompletude, sua opacidade e sua sujeição à história e aos lugares de produção de sentido – o jogo da interpretação.

Desse aprendizado outros lugares discursivos passam a se estabelecer – o novo olhar é o olhar desse outro lugar. Assim como nas atividades desenvolvidas pelas autoras (PETRI et al., 2010), o trabalho com os dicionários online (com suas particularidades nos modos de produção e circulação) pode trazer, ao ambiente escolar, condições para a produção do que Nunes denomina “escrita da palavra”:

Acredito que na escola se poderia despertar o gosto pela escrita da palavra em suas várias formas, dando margem para que o sujeito se situe diante das várias possibilidades de produzir discursos sobre as palavras, ou seja, para que a relação com as palavras, e os discursos que as sustentam, faça sentido para eles e para que aquilo que eles produzam se inscreva na história (NUNES, 2010, p. 16).

Há, portanto, no processo de dicionarização online, um importante espaço de compreensão da relação entre: a produção de instrumentos linguísticos em rede, o funcionamento dos dicionários, e o processo de informatização do tratamento da linguagem. Explorar essa relação em sala de aula significa mostrar que o tratamento informatizado da linguagem está ancorado na produção de sentidos na história, o que significa entender que também os sistemas de inteligência artificial que produzem esses recortes não fogem de tais determinações históricas. Ler em sala de aula essas definições consiste em uma prática discursiva que pode levar a produção de outros sentidos, resistência e desidentificação.

Silva Sobrinho (2020), em “A leitura política da palavra: uma experiência didática, teórica e também política”, relata a experiência da leitura da palavra “política” em dicionário online, em experiência que questiona sentidos estabilizados pelo confronto com outras leituras e pela produção de relatos que produzem outras redes de sentido, demonstrando que os processos de estabilização de sentidos produzidos na prática lexicográfica podem ser desestabilizados pelas falhas que lhe são inerentes. Nossa proposta caminha no mesmo sentido, voltando-nos para a especificidade do processo de instrumentação linguística. Vejamos o caso dos verbetes “Uberização”, produzido pelo recorte automático do buscador Google.

Emprego, trabalho e uberização: o Google como dicionário online

A análise que aqui apresentamos procura estabelecer relação entre o processo de recorte automatizado produzido pelas páginas de buscadores (que se apresentam alternativamente à busca pela reprodução dicionarística), e a própria produção de dicionários, considerando que esses recortes apresentados em buscas que não ativam o dicionário se apresentam em *quadros destaque*³ que operam no escopo da definição/exemplificação que constitui os elementos metalinguísticos.

Se um *corpus* de arquivo textual não é um ‘banco de dados’ (PÊCHEUX, [1982] 2014, p. 281), ao contrário, é caracterizado por sua heterogeneidade contraditória, é necessário que a tomada materialista da linguagem se volte para a existência dos “bancos de dados linguístico textuais” que, processados em rede, alimentam processos de automatização da formulação linguística.

Baseado nos princípios discursivos de que as condições de produção e a ideologia são constitutivas do sentido, e considerando o contexto de produção de uma reforma trabalhista

³ Assim denominamos os quadros que destacam amostras textuais na página de resultados do buscador Google.

recentemente implementada no país⁴, tomamos por *corpus* formulações, decorrentes dessas operações de recorte automatizado, produzidas pelo buscador Google como resultados para as chaves: trabalho - trabalhador - emprego - empregador, a esses acrescentando o termo “Uberização”; neologismo criado no atrito entre tais jogos de definições; a fim de comparar os resultados gerados pelas buscas com e sem a palavra-comando “significado” que faz abrir a função “Dicionário Google”.

Esses resultados, reproduzidos a seguir, apresentaram o seguinte funcionamento: a digitação das chaves de busca na barra de pesquisas do Google não ativou automaticamente a função dicionário, mesmo com a maioria desses constando no banco de dados do Dicionário Google, o que é um indicativo de que relativamente poucas pesquisas efetuadas com essas chaves produzem o clique nos encaminhamentos para dicionários, fazendo com que o sistema não reconheça essa busca como uma consulta lexicográfica.

Mesmo assim, as chaves de busca *trabalho*, *trabalhador*, *empregador* e *uberização* ativaram operações de recorte automatizado, que reproduziram enunciados definidores a partir de recortes, da Wikipédia, para trabalho e trabalhador; da empresa Xerpa, para empregador, e do Canaltech para Uberização. Enquanto a Wikipédia é uma plataforma de conhecimento colaborativo, e o Canaltech, um site de notícias de tecnologia; a empresa Xerpa se apresenta como uma empresa digital de gerenciamento de folha de pagamentos, oferecendo serviços bancários, empréstimos consignados e serviços de educação financeira⁵.

As fontes de que se extraíram os recortes que funcionam como definição são, portanto, uma enciclopédia, um site jornalístico e uma instituição financeira, o que é ilustrativo da variedade e posicionamento das instâncias produtoras de sentido nessas operações. Das chaves de busca experimentadas, apenas *emprego* não produziu uma operação de gestão lexicográfica, iniciando a função “Procurar emprego no Google”, serviço que oferece um balcão de empregos virtuais, com cadastro de empregadores e desempregados.

Por sua vez, a mesma palavra acompanhada do termo *significado* fez abrir o dicionário para todas as chaves de busca, menos para *uberização*, neologismo ainda não dicionarizado. Significado – assim como definição, define, dicionário – funciona nesse caso como palavra-comando, que é processada pelo Google como instrução para abertura de seu dicionário, e não como chave de busca. Os resultados de gestão lexicográficas produzidos por recorte automatizados e pelo dicionário Google são reproduzidos no quadro 1, a seguir:

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Mpv/mpv905.htm.

⁵ “A Xerpa está construindo uma nova geração de serviços financeiros tecnológicos que melhoram a vida dos trabalhadores brasileiros. Queremos mudar a relação entre empresa e profissional, empoderando-os financeiramente e contribuindo para o aumento de produtividade das organizações. Através do Xerpay, permitimos aos colaboradores que recebam seu salário quando precisarem, no modelo sob demanda”. Disponível em: <https://www.xerpa.com.br/blog/author/xerpa/>.

Quadro 1 – Enunciados definidores apresentados no buscador Google para trabalho e derivados

BUSCA	RESULTADOS
trabalho	Quadro central: O trabalho é o fator de produção mais importante. /Wikipedia
trabalho significado	Dicionário: 1. conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim / "t. manual" 2. atividade profissional regular, remunerada ou assalariada. / "t. de tempo integral"
trabalhador	Quadro lateral: Trabalhador é um termo amplo que inclui todo aquele que vive do seu trabalho - isto inclui o escravo, o servo, o artesão, o proletário. Na atualidade, o trabalhador é considerado legalmente como todo aquele realiza tarefas baseadas em contratos, com salário acordado e direitos previstos em lei. / Wikipédia. (sic)
trabalhador significado	Dicionário: 1. que ou aquele que trabalha. 2. que ou o que é dado ao trabalho, que gosta de trabalhar; lidador, pelejador.
emprego	- <i>Ativa a função de busca por empregos de agências especializadas</i>
emprego significado	Dicionário: 1. utilização prática; aplicação. / "o e. da informática atingiu todas as atividades" 2. ocupação em serviço público ou privado; cargo, função, colocação. / "tem um ótimo e. numa multinacional"
empregador	Lista de links: 1. A diferença entre empregado e empregador está principalmente descrita conforme os aspectos legais da lei da CLT. Enquanto o empregado é aquele que ... https://www.xerpa.com.br/blog/diferenca-entre-empregado-e-empregador/ 2. O empregador é aquele que contrata o trabalhador aos seus serviços de forma remunerada, e tendo em contrapartida deste a prestação de trabalho. https://pt.wikipedia.org/wiki/Empregador
empregador significado	1. que ou o que emprega, que ou o que contrata pessoal para serviço assalariado. 2. BRASILEIRISMO•BRASIL - diz-se de ou superior hierárquico de firma ou

	de estabelecimento, em relação aos empregados; patrão.
uberização	<p>Quadro central</p> <p>Uberização é um termo que está na moda. "Uberização" é o presente e o futuro dos negócios – Canaltech Uberização: é um termo cunhado para expressar um novo formato de fazer negócios, apoiado nas tecnologias móveis, que conectam o...</p>
uberização significado	<p>Quadro central</p> <p>"Uberização" é o presente e o futuro dos negócios. ... Uberizar virou significado de alterar a forma como os intermediários gerenciam seus negócios. Empresas inovadoras utilizam a tecnologia para colocar consumidores e fornecedores em contato direto. https://canaltech.com.br › negocios › uberizacao-e-o-presente-e-o-futuro-dos...</p>

Fonte: O autor a partir de buscas no Google. Acesso em: 10 nov. 2019.

A leitura do quadro acima permite observar que as diferentes entradas são relacionadas a diferentes aspectos das relações jurídico-econômicas que orientam o processo de produção de sentidos a eles relacionados. Destacamos assim que:

1. O termo *emprego*, digitado isoladamente, foi o único que ativou o assistente do Google, de modo que sua inteligência artificial interpretou a busca como busca por emprego, relacionando vagas para o setor geográfico pesquisado, e ativando funções de contato e geolocalização;

2. O termo *uberização* foi o único não dicionarizado - o termo não consta de nenhum dos dicionários pesquisados, nem nos dicionários colaborativos, nem na enciclopédia Wikipédia. Na ausência deste último, foi o único que apresentou o “quadro síntese” com elemento recortado de outro site (Canaltech);

3. Enquanto a dicionarização de “trabalho” opõe em suas entradas a relação entre “produção” e “relações jurídicas” (direito), a dicionarização de *emprego* opôs essa relação à noção de instrumentalidade, (meio, uso). Essa relação é apagada pelo termo *uberização*, na definição recortada pelo Google.

As operações de recorte automático consistiram, em todos os quadros síntese elaborados pelo Google, na busca de enunciados definidores, podendo para muitos consulentes substituir o acesso à função dicionário: a simples busca no Google oferece, nesses casos, um enunciado definidor e exemplos de uso nos resultados subsequentes.

No caso do termo *uberização*, não dicionarizado, além do silenciamento da noção de trabalho nas definições apresentadas, podemos observar o funcionamento das operações de recorte automático, pelo qual, o uso da palavra-comando “significado” produz um novo recorte definidor, substituindo na pesquisa por *uberização* o enunciado “é um termo que está na moda” pela definição “‘Uberização’ é o presente e o futuro dos negócios. ... Uberizar virou significado de alterar a forma como os intermediários gerenciam seus

negócios. Empresas inovadoras utilizam a tecnologia para colocar consumidores e fornecedores em contato direto”.

Nessa formulação, as palavras “consumidores e fornecedores” apagam a relação de trabalho inerente a esse processo. Pela inserção da palavra-comando *significado*, o sistema de produção de recorte automatizado muda o foco, recuperando de fato um enunciado definidor (em lugar do comentário produzido anteriormente – “está na moda”) avançando nas possibilidades de dicionarização que buscamos compreender em nossa pesquisa.

As relações polêmicas que envolvem o modelo da *uberização* não comparecem nos recortes produzidos pelo Google. As tecnologias de inteligência artificial que gerenciam tais recortes operam sob o funcionamento da ideologia, privilegiando leituras que desafirmam a luta de classes. Esses efeitos são tomados nesta tese como políticas de linguagem que buscam silenciar a noção de coletividade/classe e reproduzem sentidos que reforçam as crescentes relações de desigualdade e exploração que caracterizam a formação social capitalista, as naturalizando.

Considerações finais

Entender o processo de formulação de definições pelo Google como prática lexicográfica informatizada que atende a determinações e injunções históricas, políticas e econômicas é relacionar o processo de regulamentação das práticas linguísticas ao funcionamento das tecnologias. Mais que a utilização da ferramenta informacional enquanto referência de uso, a presente proposta consiste na formulação de relações entre palavras por tais ferramentas, e no questionamento do lugar assumido na produção de tais formulações. Compreender o sentido é compreender os posicionamentos assumidos nas definições apresentadas.

A presente proposta não consiste em uma metodologia específica de trabalho “com” dicionários online, transformando-os em objeto de estudo, mas de consideração de sua produção como instância que participa dos processos de produção de sentidos, e que deve ser considerada, por exemplo, para a compreensão de processos de formação de palavras, que para além dos processos morfológicos envolvidos, materializa relações históricas e sociais, normalizando tais relações.

Ao projetar possibilidades de circulação dos dicionários online em ambiente escolar, pela consideração dos efeitos da instrumentação linguística em rede sobre as práticas sociais sustentadas pela produção do conhecimento linguístico, fomentamos práticas comprometidas com mudanças nas formas de distribuição desse conhecimento. Adotamos assim, a proposta de Petri, de “refletir sobre esses instrumentos pedagógicos, sob uma perspectiva que os toma como instrumentos linguísticos, objetos discursivos da maior importância para a constituição dos sujeitos em relação a sua língua.” (PETRI et al., 2010, p. 9) - relação que passa, como mostramos, pelas tecnologias digitais de linguagem, e seus efeitos.

Referências

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

CARDOSO, Maria Clara S. do A.; FIGUEIRA-SAMPAIO, Aleandra da S. Dificuldades para o uso da informática no ensino: percepção dos professores de matemática após 40 anos da inserção digital no contexto educacional brasileiro. *Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 44-84, 2019. <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2018v21i2p044-084>

DOS SANTOS, Cristiane Pereira; DI RENZO, Ana Maria. Livros didáticos de Língua Portuguesa e a discursividade da inclusão digital. *Revista do GEL*, Araraquara, v. 13, p. 37-54, 2016. <https://doi.org/10.21165/gel.v13i2.1325>

FREITAS, Ronaldo Adriano de. *Instrumentação linguística em rede: análise discursiva de dicionários online*. 2020. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários escolares e ensino de língua materna. *Estudos linguísticos (São Paulo. 1978)*, São Carlos, v. 41, n. 1, p. 169-180, 2012.

LISKA, Geraldo José R. O dicionário online de língua como importante recurso didático. In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, 2015, Belo Horizonte. *Anais ...* Belo Horizonte: UFMG / Faculdade de Letras, 2015.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista de Letras*, Taguatinga, v. 3, n. 1/2, p. 06-21, 2010.

NUNES, José Horta. O discurso documental na História das Idéias Lingüísticas e o caso dos dicionários. *Alfa: Revista Linguística*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 81-100, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Prefácio à edição brasileira de análise automática do discurso. In: PECHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Campinas: Pontes, 2019.

OLIVEIRA, Sheila Elias. O Dicionário inFormal e a relação do falante com a língua. *Revista Da ANPOLL*, v. 1, n. 37, p. 262-272, 2014. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i37.784>

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1982] 2014.

PETRI, Verli et al. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. 1. ed. Santa Maria: PPGL-Editores, v. 1, p. 120, 2010.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. A leitura política da palavra: uma experiência didática, teórica e também política. *Pensares em revista*, São Gonçalo, n. 17, p. 146-168, 2020. <https://doi.org/10.12957/pr.2020.47185>

Recebido em: 06/12/2020.

Aceito em: 22/04/2021.